

NA AGONIA DOS TEMPOS

Daniel Afonso da Silva*
daniel.afonso66@hotmail.com

FONTANA I LÁZARO, Josep. **El futuro es un país extraño**: una reflexión sobre la crisis social de comienzos del siglo XXI. Barcelona: Passado & Presente, Barcelona, 2013. 234 pp.

A tópica do imperativo da esperança do mundo melhor remonta ao Gênesis, ao dilúvio e aos tempos imemoriais. Mas foi a partir do século 18, no torvelinho da corrente de dessacralização do fluxo da vida, que essa categoria ganhou o sentido de progresso e evolução permanente que sugere que dias melhores sempre virão. A leitura retroativa indicava que a vida das pessoas vinha de melhora em melhora desde o êxito dos Otomanos sobre Constantinopla. O século 19 não simplesmente ia amplificar os ganhos da revolução industrial do ferro, do algodão e da especialização do trabalho como avançaria sobre diversos campos de inovação científica e tecnológica que desembocaria na *belle époque* da *fin-de-siècle*. Esse tempo sublime, eivado de sentimentos de identificação e de necessidades de reconhecimento, levaria os mandatários germânicos após Bismarck a querer contar para além de suas fronteiras impondo aos demais a outorga de seu lugar ao sol. Essa obsessão de poder culminaria no horror de 1914-1918 e no inferno de 1939-1945. Essas carnificinas globais insuflariam as condições para o sucesso dos incidentes que partiram da Estação Filadélfia e dos dez dias que abalaram o mundo. E, no mesmo diapasão, conduziram ao amadurecimento e consolidação do nazismo, do fascismo e de seus similares. *The Atlantic Charter* de 14 de agosto 1941, subscrita pelo presidente Roosevelt e pelo primeiro-ministro Churchill, retificava a promessa de futuros dias melhores. O medo e a náusea do *statu quo* do *under war* depois da queda de Hitler e de seus acólitos produziram o império do humanitarismo representado pela obsessiva ditadura dos direitos humanos. Os dias gloriosos da primavera econômica do após-1945 conheceram as fagulhas do Armagedão nos movimentos de Praga e Paris dos fins dos sessentas, mas foi durante os setentas – 1971, 1973, 1975 – que a concretude do tempo massacrou as ilusões e assaltou toda a candura que restava em almas inocentes. A sociedade dos homens, em todas as direções cardeais, passou a claudicar e se depreciar. A diferença entre ricos e pobres, desde muito exorbitante,

*Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor-pesquisador no Ceri-Sciences Po de Paris.

Resenhas

começou a ficar flagrante. 20, 18, 10, 7 até chegar ao 1% dos mais afortunados foram progressivamente acumulando quantias similares às reservas somadas dos 80, 82, 90, 93 até chegar aos 99% dos pobres, miseráveis e desgraçados. A brutalidade da crise das finanças de 2007-2008 foi a expressão direta das diversas estratégias e táticas dos mais poderosos deste mundo em superar as falências que as crises dos anos de 1970 lhes impuseram suportar. A obscena diminuição e privatização do Estado levada aos extremos nos momentos dos governos de Ronald Reagan e Margareth Thatcher foram aprofundadas pela sodomia legislativa da presidência de Bill Clinton. Nesse ambiente, grassavam os prognósticos que entendiam que o breve ou longo século 20 terminara muitíssimo mal. Mas mal se suspeitava que o após 9/11 de 2001 poderia provocar desconsoles ainda maiores. O enfeixo de crises financeiras, econômicas e institucionais, desde então, foi ganhando invólucro de impropério moral e social. Nem o fascismo e o nazismo ou o franquismo e o salazarismo somados ao comunismo maoísta ou soviético vilipendiaram tão profundamente as conquistas seculares dos populares e as esperanças prospectivas da gente do comum. A demonstração dessa amarga e irresoluta constatação da situação internacional dos dias presentes produzida em longuíssima duração envolve o interesse nuclear do recente *El futuro es un país extraño* do historiador catalão Josep Fontana i Làzaro.

Na senda do sucesso irretorquível de *Por el bien del imperio* (Barcelona: Passado & Presente, 2011) que em pouco mais de trinta meses ganhou mais de sete reimpressões por Espanha e mundo hispânico, *El futuro es un país extraño* avança e desdobra os mesmos temas e problemas nele esboçados ou indicados.

Dividido em quatro concisos capítulos somados a uma elucidativa introdução e a uma intimidatória seção de 63 páginas de notas bibliográficas, *El futuro es un país extraño* tem muito menos volume que *Por el bien del imperio*, que ultrapassa em folga as mil páginas. Entretanto, a vigor, a consistência, o destemor ao risco, a erudição e o sublime tato para exposição límpida de ideias, bem ao estilo dos maiores prosadores de nosso tempo, segue sendo a marca do mestre catalão, desde muito reconhecido como um dos intelectuais mais luminosos de sua geração em todo o mundo.

Praticamente nenhum debate importante de depois da primavera árabe de 2011 ficou ausente da *mirada* de Fontana i Làzaro que analisa friamente os bastidores da superação da crise financeira de 2008 – que foi totalmente resolvida e manejada em 2009 – e lança uma conseqüente provocação capital a respeito da saída da crise econômica com o

seguinte questionamento: “*recuperación ¿para qué y para quién?*” (p. 23).

Com o mesmo entusiasmo, ele vai mostrando que as famílias americanas de classe média perderam, entre 2007 e 2010, 38,8% de sua riqueza ao passo que, no mesmo período, os 400 americanos mais ricos aumentaram as suas posses em 13%. Depois ele indica, em complemento, que no ano de 2011, 1 em cada 6 norte-americanos estava abaixo da linha da pobreza.

Essas suas proposições aferem a duas situações absolutamente pouco ou nada consideradas. A primeira diz respeito ao fato de que a superação da crise financeira com intensivas políticas de austeridade conferiu aumento da concentração de riqueza e a segunda sugere que o poder potencializou o empobrecimento dos mal-nascidos.

Essa imoralidade de laivos pornográficos aludida por Josep Fontana i Làzaro acentua aquilo que Niall Ferguson, na senda de Daron Acemoglu e James Robinson, identifica como “*the great degeneration*” das instituições ocidentais atuais.

Degeneração porque, contrário às aparências, a crise financeira de 2008 não resulta de “desregulamentação” como sugere o *mainstream* de economistas, mas de consciente e conivente adequação jurídica e legal à insana acumulação indecente de capital por parte dos mais potentados. Essa simbiose institucional, explicitada por Fontana i Làzaro, ajuda a entender, entre outros assuntos, a promiscuidade dos financiamentos de campanha que expressam a acentuação da privatização da política mundo afora.

O *lobby* de grandes empresas norte-americanas – que chega a depositar mais dinheiro em contas de campanha que em pagamento de impostos –, conforme demonstra o historiador catalão, impõem candidatos a todos os cargos eletivos do país. Isso explica, no entender de Fontana i Làzaro, a estupidez de muitos postulantes ao sufrágio universal nos Estados Unidos.

No mesmo sentido, Fontana i Làzaro denuncia o que ele chama de “*privatización de los ciudadanos*” (p. 43). Para tanto, ele vai mostrando que uma das faces mais mesquinhas da retórica da austeridade é o dismantelamento dos serviços básicos de saúde e educação e correção. No afã de tudo privatizar, argumenta Fontana i Làzaro, muitos países são induzidos a piorar e ridicularizar os serviços até destruir toda sua credibilidade.

O exemplo mais violentamente *nonsense* para Fontana i Làzaro reside no sistema prisional norte-americano. Por ser privado, convém que as cadeias de lá estejam permanentemente lotadas com no mínimo com 90% de sua capacidade ocupada. Para isso,

foram desenvolvidos historicamente institutos legais para ampliar as condicionantes de vigilância e punição. Nesse planeta cadeia que são os Estados Unidos da América existe, pelas contas de Fontana i Lázaro, 730 presos para cada 100.000 habitantes ao passo que na China a proporção não passa de 170 por 100.000. Essa cadeiazação, em muito aumentada pelos *Patriotic Acts*, filhos legítimos da *guerra ao terror* do presidente Bush, incide diretamente sobre os imperativos das liberdades civis dos sempre mais visados, a saber: negros e latinos.

Seguindo a discussão sobre as inconveniências da ditadura da austeridade, Fontana i Lázaro atravessa o Atlântico para se referir as tentativas de salvamento financeiro e econômico da Europa via planos de autoridade. Em seu entender, as lideranças europeias lançaram mão da *"irracionalidad"* para tratar das dificuldades de países como Espanha, Portugal, Grécia, Itália.

No plano global, o nosso intelectual catalão mostra que entre 2010 e 2012 o mundo dispunha de 200 milhões de desempregados, 6,4 milhões de jovens sem esperança de conseguir emprego, 1,3 milhões de pessoas sem luz em casa, 8 milhões com luz apenas alguns dias na semana, 20,9 milhões de pessoas sujeitadas ao trabalho forçado e 870 milhões de desnutridos. No quesito desnutrição, ele observa que a evidência não é a falta de alimentos, mas o aumento indiscriminado dos preços dos produtos básicos da dieta universal dos mais modestos, a saber: milho, trigo, arroz e soja. O continente mais afetado por essa situação é justamente a África.

Não muito longe da África, a situação na Ásia vai ficando cada vez menos simples no entender de nosso autor. O crescimento chinês mantém sua marcha, mas com percalços. O Japão, desde muito estacionado, vive momentos de indecisão agudizados pelas ondas que consumiram Fukushima. A Índia, esse festivo parceiro de Brasil, Rússia e China nos BRICs, patina em todos os quesitos de superação de suas insuficiências estruturais. Para ficar num exemplo, Fontana i Lázaro sugere que o crescimento da Índia em 2010 foi de 10,4% e ela dispunha de algo próximo a 500.000 engenheiros civis quando, em verdade precisaria de ao menos 4 milhões.

Fontana i Lázaro ainda menciona em sua reflexão aspectos da situação latino-americana com o eclipse dos governos de esquerda e do eterno mal-estar no Oriente Médio, especialmente fruto das guerras no Iraque e no Afeganistão.

O núcleo de seu esforço é demonstrar a complexidade do mundo que nos toca

viver. Seu *El futuro es un país extraño*, para além de continuação e sofisticação de *Por el bien del imperio*, expressa, antes e acima de tudo, a consolidação da trajetória de toda uma vida de mais de oitenta anos dedicada a compreender e explicar os acontecimentos humanos. São diversos os valores desse livro – como o são os seus estudos sobre o *ancien régime*. Discorrer sobre o presente e em escala global – ou seja, avançar ensaios de *global history*, *international history*, *diplomatic history* do tempo presente – segue incompreensivelmente marginais entre historiadores brasileiros e estrangeiros. Das maiores contribuições de Josep Fontana e Lázaro neste livro é justamente demonstrar que o presente também pertence à História, e cabe aos historiadores reconhecê-lo.